

Entrevista com Eva Furnari

Eva Furnari é escritora e ilustradora ítalo-brasileira. Há quase 35 anos se dedica à literatura infantojuvenil e tem mais de 60 livros publicados. Em 2014, a autora foi convidada pelo Sesc de Ribeirão Preto para participar do projeto “Tirando de Letra”, e a partir daí foi criada uma exposição inspirada em suas obras. Intitulada “Otrapalhaça”, a mostra interativa percorre diversas cidades do Estado de São Paulo.

É na sala de aula que formamos os futuros leitores?

É também; eu acho que a família tem uma grande importância na formação. Mas atualmente quem está conduzindo essa questão é mais a escola.

Como o livro pode auxiliar no aprendizado dos alunos?

Eu acho que hoje em dia as crianças estão mais estimuladas, são mais ativas. A escola mudou muito. Naquele tempo que era mais conservadora, as crianças conseguiam ficar sentadas em sala de aula por cinco horas. Hoje, em tempos de mais liberdade, democracia, elas são mais livres e soltas, é diferente. O ensino está modificando, ele tem que ser mais dinâmico, para prender a atenção dessas crianças. E a literatura é um dos recursos que os professores têm. O aprendizado tá em uma história, em uma animação, e é um recurso que envolve as crianças. Os livros são muito usados e são muitos importantes, porque ajudam o professor a prender a atenção das crianças. A literatura infantil faz parte do ensino hoje tanto na parte cognitiva (leitura, escrita), como para tratar sobre assuntos de relações humanas, sentimentos, dificuldades, conflitos, questões emocionais ou de comportamento. Os professores acabam colocando essas histórias como um começo ou estímulo para discutir alguns assuntos, ou até trocar ideias a respeito. A literatura infantil hoje está diretamente ligada ao ensino das escolas.

Durante a exposição “Otrapalhaça”, você conduziu um bate-papo fazendo uma reflexão sobre educação, abordando também as grandes dificuldades de se educar nos dias de hoje. Pode falar um pouco mais sobre isso?

Tive duas conversas, uma com os professores e uma com as crianças e o público geral do Sesc. Eu tenho uma palestra sobre educação que eu costumo fazer quando tem grupo de professores, e é um pouco uma reflexão minha sobre a passagem desses dois séculos, da passagem de um sistema patriarcal, com uma fórmula de bom comportamento, onde tudo estava encaixado – o pai que faz tudo, a mãe submissa, os filhos obedecem. Antigamente, existia um sistema que prevaleceu no século 19, que se desmontou no século 20. E a gente fez uma passagem para um estado mais democrático, transformação da mulher, da família, do educador. O sistema antigo não funciona e o novo está sendo construído. E para construir um sistema novo é preciso estudar, conhecer, ter consciência. Não é fácil, porque a democracia remete ao conflito. Você precisa fazer escolhas, entre atender ao desejo de uma criança e ensinar o que está no currículo. E que regras são essas? São regras novas que estamos construindo. Hoje em dia, os educadores têm muitas dúvidas. Muitas vezes eles se sentem culpados, mas não são. Estamos conhecendo uma nova maneira de construir a educação. Então, são discussões e debates sobre esses caminhos. E a literatura de certa maneira traz todos esses temas à tona.

Você acha que os livros estão perdendo espaço para a tecnologia?

A gente não conhece uma resposta. Porque as histórias, o conteúdo, pode ser que mudem. Mas sempre vai haver escritores, ilustradores e leitores. A gente esquece que livro é um objeto sofisticado, que foi construído ao longo de milênios. A tecnologia do livro é altíssima – a espessura e tamanho da folha, das letras, tudo é pensado para que você consiga ler. A gente não sabe o que vai acontecer. Eu acho que não vai acabar o livro de papel. Vai ter gente que gosta mais da tela e tem gente que gosta mais de papel. Para a criança, de certa maneira, é um material interessante. Ele fica como se fosse “o meu brinquedo”, ele tem vida própria, mais do que a tela. O livro é um objeto afetivo. Eu, pelo menos, sou superapegada! (risos) Ele não acaba, mas vai dividir. E não vejo problema nisso.

Qual é a importância da ilustração em um livro, especialmente os infantis?

A ilustração é muito importante porque a gente não costuma refletir sobre isso. Mas a criança muito antes de se comunicar pelas palavras (comunicação verbal), ela processa

a comunicação pelo olhar. Ela olha o mundo, decodifica. Muito antes de falar, de aprender a ler/escrever, ela já faz a leitura visual do mundo. Então, todo livro infantil tem ilustração. Porque a criança domina a linguagem visual e isso de certa maneira faz uma ponte com o texto. Ela pode até entender a imagem, e vai entender o texto mais adiante – com 5, 6, 7 anos, dependendo da criança. Então, a imagem tá presente no livro porque é o meio de comunicação que a criança domina perfeitamente. Ela sabe ler, principalmente as ilustrações mais expressivas. É um apoio para o aprendizado da leitura. Mesmo quando ela sabe ler, é essa mistura de texto e imagem, onde a assimilação da imagem é muito mais rápida, é espontânea e instintiva.

As suas histórias trazem um universo mágico, elas fogem da realidade. O que o livro *nonsense* ensina para as crianças?

O livro *nonsense*, na verdade, leva as pessoas a pensarem fora do que é conhecido. Ele entra com a surpresa, o inesperado, mostra coisas que aparentemente não fazem sentido. Ele é interessante para as crianças, porque elas estão fazendo suas sinapses, elas podem fazer ligações não só as tradicionais, mas podem fazer novas. Estimula a criatividade ou talvez a liberdade do pensamento. Você pode pensar diferente. As crianças têm informação, elas estão aprendendo o esquema da sociedade. É uma maneira para que as crianças possam pensar por si próprias e refletir, e talvez ter um outro ponto de vista. Provoca uma reflexão que não é estereotipada. É sempre interessante na educação, porque as crianças costumam ir para caminhos muito estereotipados, para o conhecido, o comum.